

A transação do Parque Lage

Marinho comprou terreno em 65 para construir cemitério

O episódio da construção do Centro de Produções da TV Globo, o Projac, em Jacarepaguá, não é o primeiro que envolve o empresário Roberto Marinho em suspeitas de favorecimento nas transações com bancos oficiais e desrespeito ao meio ambiente. Se o governador da Guanabara, Carlos Lacerda, não tivesse tombado e desapropriado o Parque Lage — adquirido por Roberto Marinho e pelo senador da UDN, Arnon de Mello, numa transação com o Banco do Brasil — toda a área verde teria se transformado num loteamento de luxo ou num cemitério de crianças, como Roberto Marinho chegou a propor a Carlos Lacerda.

A denúncia foi feita pelo próprio governador Lacerda, durante a inauguração do parque, a 26 de setembro de 1965. Ao discursar para cerca de 10 mil pessoas, Lacerda acusou de irregular a negociação entre o Banco do Brasil e o empresário Roberto Marinho. A instituição bancária havia recebido os terrenos do Parque Lage em troca de dívidas e os vendeu ao proprietário do Sistema Globo em condições favorecidas, segundo Lacerda. “Eis que numa semana de Carnaval, subitamente, sem aviso público e notório, como manda a lei, o Banco do Brasil, instruído por mãos poderosas, faz um edital de encomenda, violando a Lei do Patrimônio Histórico Nacional.”

Lacerda prosseguiu, lembrando que o banco “foi direto a uma sociedade imobiliária fundada por um senador da UDN, que se associou ao diretor de *O Globo*, Roberto Marinho, para usufruir os prestígios múltiplos de um grande jornal, fundado por um grande jornalista e deturpado nas mãos de um especulador”.

No discurso, extraído da fita de gravação da Rádio Roquete Pinto, o governador da Guanabara prosseguiu com as acusações: “Nesta fatídica semana de Carnaval (...), este parque mudou de mãos pela módica importância de cerca de Cr\$ 300 milhões, pagos parte a Gabriela Bensazzoni (ex-proprietária) e outra parte irrisória ao Banco do Bra-



Parque Lage: o verde viraria loteamento ou cemitério

sil, com três anos de carência para pagar e muito mais para amortizar as prestações. Ao mesmo tempo, ou logo depois, o mesmo Banco do Brasil fazia ao mesmo Roberto Marinho, diretor de *O Globo*, um novo empréstimo para que ele pagasse essa propriedade ao banco, com dinheiro do próprio banco.”

Lacerda lembrou que o valor do terreno foi subestimado, entre outros motivos porque se tratava de uma área tombada pela União. Mas, segundo o governador, Marinho conseguiu do presidente Juscelino Kubitschek o destombamento da área.

Com a reação do governador à idéia de Roberto Marinho de lotear o parque, o empresário procurou outra saída. “A certa altura, solitá-

rio, coagido, encostado à parede pelas potestades de *O Globo*, da Rádio Globo, do Time-Life e seus associados, Roberto Marinho — que não sabia mais o que dizer a seu sócio, o banqueiro e especulador Walter Moreira Sales — veio-me com a proposta de transformar este parque num cemitério-parque.”

Lacerda revelou que o empresário foi dissuadido da idéia “pelo falecido Augusto Frederico Schmidt”, que argumentou: “O diretor de *O Globo*, o filho de Irineu Marinho, o responsável por um grande jornal, até aqui respeitável, não pode transformar-se num papa-defunto, loteando terrenos para cadáveres de anjinhos porque ocupa menos espaço e se vende pelo mesmo preço.”